

A eternização do arbitrário cultural masculino: apontamentos sobre a obra *A Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu

Por Felipe Gustavo Koch Buttelli*

Leitura de:

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Do original *La Domination Masculine*, 1998.

Introdução

A obra *A Dominação Masculina* é certamente uma das mais conhecidas de Pierre Bourdieu. Baseada em sua pesquisa etnográfica entre os Cabilas do norte da África, sua atenção não pôde deixar de concentrar-se nas relações de gênero. Segundo o próprio autor, sua suspeita é de que aquela tradição carrega intensamente o que poderia se chamar de inconsciente das sociedades mediterrâneas. Ainda que também neste contexto a diversidade cultural, típica da era da globalização, e os processos de modernização tenham deixado suas marcas, para Bourdieu, é possível encontrar muitas explicações sobre o inconsciente – já um tanto camuflado – das sociedades da Europa Central e, por consequência da sua história colonizadora, de boa parte da sociedade ocidental.

Os resultados desta pesquisa serviram de base para diversas obras de Bourdieu. Embora fosse tema recorrente em sua pesquisa na Cabília, a dominação

* Teólogo protestante brasileiro, atualmente faz mestrado em teologia no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, em São Leopoldo /RS, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Sua pesquisa aborda o tema da liturgia sob a perspectiva de Gênero, Teologia e Antropologia/Sociologia.

masculina, até 1998, só havia sido tangenciada por artigos pequenos. No entanto, esta sua reflexão – ainda que rápida e incompleta – contribuiu bastante para a discussão que se desenvolveu desde os anos 60, sobretudo na ordem do movimento feminista. Bourdieu teve ampla receptividade, tanto que alguns conceitos que apresentava para descrever o processo de dominação masculina tornaram-se senso comum, tais como *habitus*, incorporação da dominação, etc. Suas teses foram logo bastante questionadas e criticadas, principalmente pelo seu caráter supostamente *determinista*. Também a compreensão de Bourdieu sobre a ineficácia do trabalho de *conscientização* foi rechaçada.

Não pudera ser diferente. A reflexão feminista era (e ainda é) fortemente engajada e o conceito de conscientização tornava-se importante na prática de mulheres que procuravam a libertação das estruturas androcêntricas. Este trajeto de negação de um determinismo social e de exaltação da prática conscientizadora é justificável, visto que nas batalhas cotidianas para criar um espaço novo para as mulheres, lidar com este entrave epistemológico seria demasiadamente penoso e desmobilizante.

Ao retomar a discussão em 1998, ampliando-a, atualizando-a e respondendo a críticas, Bourdieu ressalta que o trabalho de feministas trouxe muitos frutos positivos para a organização social, abrindo novos espaços e frentes de atuação para mulheres que ainda não existiam. No entanto, sua contribuição é reafirmada. Ele percebe que a abertura para as mulheres do espaço público não representou uma equalização nas relações de gênero. O processo de diferenciação entre homens e mulheres se deslocou, atuando muito mais na apreciação do valor da atividade masculina e feminina. Em poucas palavras, a forma de organização social androcêntrica permanece.

É baseado nesta constatação que ele parte para demonstrar que a mudança social, que gere igualdade nas relações de gênero, deve partir das instituições que

produzem e reproduzem o imaginário androcêntrico – família, escola, Igreja e Estado. Este imaginário continuamente se reforça, criando nos corpos e nas mentes de homens e mulheres disposições permanentes para perceber a dominação masculina como algo *naturalmente* justificável. Para esta importante tarefa, ainda não plenamente (ou apenas superficialmente) realizada, que Bourdieu se dedica nesta obra e em muitas outras, como em *A reprodução*, onde se reflete o papel da escola na produção de uma ordem elitista dominante.

A Dominação Masculina deve, portanto, fazer parte das leituras daquelas e daqueles que visam desmistificar os processos que nos enclausuram em papéis sexuais fixos, papéis estes que são tão pesados para os homens, mas muito mais pesados para as mulheres.

A Obra

O foco de atuação da análise de Pierre Bourdieu – e ele mencionaria, do empenho feminista – deveria ser modificado do lugar no qual inicialmente aparenta estar para outros lugares, ou seja, da esfera das relações domésticas, embora este foco ainda seja demasiado importante, para uma focagem que perceba a construção das relações de dominação na esfera pública e social. Esta seria composta por instituições capazes de eternizar o arbitrário cultural da dominação androcêntrica: a família, a escola, o Estado e a Igreja.

Em *Uma Imagem Ampliada*, Bourdieu apresenta sua tese fundamental sobre o complexo processo através do qual homem e mulher são arbitrariamente diferenciados. Após haver construído sua tese (para a qual se reservará aqui maior espaço) baseado nos cabilas, em *Anamnese das constantes ocultas*, Bourdieu procura resquícios desta cultura – propriamente mediterrânea – na sociedade européia. Em *Permanências e Mudanças*, Bourdieu já apresenta uma análise crítica da sociedade

hodierna, vislumbrando encontrar onde houve mudanças perceptíveis em relação a uma sociedade tradicionalmente androcêntrica e onde pode-se afirmar continuarem os processos de diferenciação, negativos para mulheres e positivos para homens.

Uma imagem ampliada

Para Pierre Bourdieu, a dominação masculina pode ser compreendida como tendo sustentação em uma divisão arbitrária entre homens e mulheres. Esta divisão é concebida através de oposições binárias, que classificam uns e outros segundo adjetivos opostos, sendo reservados os positivos a homens e os negativos a mulheres, como, por exemplo: alto-baixo, reto-curvo, seco-úmido, etc. respectivamente (ver tabela em BOURDIEU, 1998, p. 19). Esta maneira de se classificar (taxinomia) homens e mulheres, a partir de um esquema de oposições binárias, é o princípio de um trabalho de **construção social dos corpos**, que visa tornar verdadeira – fatídica – a divisão arbitrária que o próprio esquema de pensamento dominante formula.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as naturalizam, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que eles engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos. (BOURDIEU, 1998, p. 16).

Nesta passagem, Bourdieu apresenta como as oposições homólogas, em verdade, não percebem divisões pretensamente naturais que existem na ordem das coisas, mas categorizam, ou produzem, arbitrariamente estas oposições, ou seja, criam uma diferença natural. Este processo faz uso de características físicas existentes no plano biológico. No entanto, faz uso dele, quase como um apoio, no qual fundamenta uma diferença que é construção social. Assim, as diferenças sociais

parecem fundamentadas em diferenças biológicas, quando na verdade elas (diferenças sociais) são capazes de criar cognocitivamente categorias de percepção que geram esta impressão. Seu argumento se concentra, então, em afirmar que o biológico é criação do social.

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob a forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (BOURDIEU, 1998, p. 20).

Em seqüência, Bourdieu atenta para a circularidade deste processo de criação da realidade social e biológica, que é o fundamento das relações de dominação, inclusive – e neste trabalho sua maior preocupação – das relações entre os sexos. A lógica da dominação já está presente no trabalho de construção social do biológico, o que faz parecer que toda dominação seja justificada por ser verificável no plano biológico (que é construto social). Sendo assim, a lógica da dominação é desconhecida, não aparece nos discursos sobre a realidade social ou biológica, pois se encontra na gênese do processo. Pelo fato deste ser cíclico, a ordem social e biológica sempre tende a reforçar a lógica da dominação que as constitui. (BOURDIEU, 1998, p. 32).

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 1998, p. 31).

Seguindo adiante no que se refere à construção social dos corpos – este arbitrário cultural que sofre o processo de naturalização, fazendo parecer que os

corpos são o fundamento da diferença social entre homens e mulheres, quando na verdade os corpos, como os percebemos, já carregam as insígnias dos preconceitos sociais favoráveis aos homens e desfavoráveis às mulheres – Bourdieu menciona que ela (a construção social dos corpos) atinge homens e mulheres nas suas práticas cotidianas. Assim, o processo de oposições homólogas está presente na maneira com que mulheres e homens lidam com o seu corpo, pertencendo o homem a um espaço que não cabe à mulher e vice-versa. Há apreciação positiva para as tarefas, lugares e comportamentos masculinos, enquanto, aos comportamentos, tarefas e práticas femininas se reserva uma apreciação negativa. Para Bourdieu, esta maneira de relacionar-se se impõe também à vida sexual, ou, como ele chama, à divisão do trabalho sexual. O comentário acima expõe aquilo que ele compreende como parte do processo de construção dos corpos. O princípio de divisão social que naturaliza as diferenças, corporifica-se no homem a tal ponto de criar nele o próprio desejo pela dominação, enquanto que na mulher – a qual, por causa deste processo vicioso e inconsciente, contribui para sua dominação – existe o desejo e o prazer, como de quem realiza sua vocação, em ser dominada e subordinar-se, até mesmo em nível sexual, à agressão de ser possuída, violentada, dominada. Não sem críticas permanece esta postura de Bourdieu, sobretudo pelo trabalho de feministas.

Bourdieu reconhece que essencial neste trajeto de construção dos corpos é a maneira como acontece a “somatização das relações sociais de dominação”, ou a “**incorporação da dominação**”. A partir das oposições homólogas (alto-baixo, reto-curvo, fora-dentro, etc.), formam-se categorias de percepção que projetam sobre o corpo (biológico) as categorizações dos dominantes, formando-os em corpos sociais (ainda que se queira considerá-los naturais) que já carregam de antemão as insígnias distintivas que estabelecem funções, lugares, posturas sociais diferenciadas para homens e mulheres. Indo um pouco além na sua reflexão, ele menciona que há duas operações imprescindíveis nesta *sociodicéia* masculina: “ela legitima uma relação de

dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela uma própria construção social naturalizada” (BOURDIEU, 1998, p. 33).

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de nominação que oriente e estruture as representações, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos dos corpos, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero – e em particular todas as virtualidades biologicamente inscritas no “perverso polimorfo” que, se dermos crédito a Freud, toda a criança é – para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina. (BOURDIEU, 1998, p. 33).

Este processo de construção duradoura dos corpos de homens e mulheres, suportes das diferenças que geram, respectivamente, destino social positivo e destino social negativo, e a somatização destas diferenças e de seus efeitos nos corpos não surge da noite para o dia. Não é através de um rito apenas que um homem se torna homem conforme os padrões de determinada sociedade, muito embora os ritos de instituição tenham um imenso poder de diferenciação e sejam simbolicamente muito eficazes. O trabalho de construção da realidade simbólica é um trabalho sutil e imperceptível de criação simbólica das categorias de percepção social do mundo. É um trabalho de inculcação longo e duradouro que possibilita a construção de um *habitus* adaptado à visão de mundo dominante – isto é, androcêntrica. Assim, ao se fixarem nos corpos, já que esta construção simbólica efetivamente se somatiza, as relações entre homens e mulheres só podem ser de conhecimento e reconhecimento tácito e automático da legitimidade do exercício do poder de um sobre o outro.

Portanto, o comportamento prático dos corpos está inalienavelmente condicionado a todo processo simbólico de criação da diferença social – tornada auto-evidente, natural, percebida como inquestionável pelo senso comum. Assim, a maneira de postar-se, de exhibir seu corpo, de andar em público, de relacionar-se com

peças de outro sexo, sobretudo para as mulheres, está condicionada a reproduzir o valor simbólico que a *doxa*, o discurso dominante e androcêntrico, lhes atribui:

A educação elementar tende a inculcar maneiras de postar todo o corpo, ou tal ou qual de suas partes (a mão direita, masculina, ou a mão esquerda, feminina), a maneira de andar, de erguer a cabeça ou os olhos, de olhar de frente, nos olhos, ou, pelo contrário, abaixá-los para os pés etc., maneiras que estão prenhes de uma ética, de uma política e de uma cosmologia (...) (BOURDIEU, 1998, p. 38).

Tendo compreendido como acontece a construção social dos corpos, que *biologiza* ou naturaliza a visão dominante androcêntrica, e como que esta construção é incorporada ou somatizada, inscrevendo nos corpos estruturas de percepção do mundo social que diferenciam homens e mulheres (em nível de compreensão do mundo e de prática) a partir de um sistema de oposições homólogas, na qual ao homem cabem as categorias positivas e à mulher as negativas, Bourdieu parte para a explicação daquilo que ele entende como sendo a *maneira* através da qual estes dois processos ocorrem: **a violência simbólica**.

Para Bourdieu, a construção social de homens e mulheres – que se incorpora, de fato, fazendo parecer que é natural esta maneira de concebê-los – está fundada na *ordem simbólica* (BOURDIEU, 1998, p. 45). Esta ordem simbólica é conhecida e reconhecida, aceita em forma de *crença*, de *adesão dóxica*, ou seja, irrefletida, não carece comprovação, não tem que ser pensada ou afirmada como tal, pois o *habitus* de homens e mulheres está condicionado a perceber o mundo somente a partir das categorias de percepção que esta ordem simbólica imputa.

Para fazer melhor compreendido o que Bourdieu entende por simbólico, ele mostra justamente aquilo que não é sua compreensão de simbólico, rebatendo críticas e más compreensões vinculadas à sua tese. Para Bourdieu, violência simbólica não minimiza a violência física e não quer desvirtuar a importante discussão sobre violência doméstica. A violência simbólica é o fundamento, aquilo que justifica a agressão – no sentido de oferecer razões para que homens possam arrogar-se a

prerrogativa de tornarem-se agressores. Violência simbólica não é irreal, não efetiva, ou como ele expressa, “espiritual”, e, por isso, desvendá-la é importante para compreender a “objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (BOURDIEU, 1998, p. 46).

Outra crítica seria aquela, sobretudo das feministas, de que Bourdieu eternizaria a condição submissa das mulheres. Ele procura evidenciar, portanto, que:

[...] longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são *produtos de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução*, para o qual contribuem agentes específicos [...] e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 1998, p. 46).

E é justamente porque percebe a contribuição de *agentes específicos* (individualidade) e de *instituições* (coletivo social) na imposição de uma dominação, fundamentada numa ordem simbólica dominante, que Bourdieu não cai no alternativismo entre a coerção mecânica (que seria a imposição social sobre o indivíduo) e a submissão voluntária (escolha individual, livre, deliberada ou calculada). Seus críticos o acusam, ora de pender para um lado, ora para outro pelo fato de não haverem percebido que:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (BOURDIEU, 1998, p. 49s.).

A dominação é, portanto, *espontânea* e *extorquida*. Por isso, ele é alvo de críticas daqueles que acreditam ser possível reverter o quadro de dominação chamando os dominados para um exercício de conscientização. Segundo sua tese, a tomada de consciência não surte efeito automaticamente, já que a dominação está alicerçada no mais profundo dos corpos que foram expostos duradouramente a um

processo de construção de categorias de percepção. Pode-se dizer que, da mesma maneira que a construção de um *habitus* fundamentado na visão dominante androcêntrica requer um intenso e longo trabalho, o trabalho de conscientização também requer um intenso exercício de reconstrução das categorias de percepção e, portanto, de julgamento do mundo social. Sobre isso, Bourdieu afirma: “se é totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (BOURDIEU, 1998, p. 51).

Tendo em vista a ineficácia deste trabalho de conscientização, Bourdieu aponta para aquilo que ele chama de revolução simbólica como um caminho de reversão do processo de dominação. Esta revolução consistiria em modificar as “condições sociais de produção” dos discursos, aos quais são expostos duradouramente dominantes e dominados, fazendo uso das instituições produtoras e reprodutoras do discurso de dominação (família, escola, Estado e Igreja).

Quanto às categorias de dominantes e dominados, Bourdieu ressalta que são categorias imputadas tanto a homens quanto a mulheres. Não há necessidade de se dissertar a respeito da condição dos dominados (mulheres) como uma condição negativa, apreciada como menos valorosa. Muito embora esta classificação nem sempre seja automaticamente reconhecida como um fardo – há mulheres até hoje que prefeririam não viver em uma época de liberação feminina, achando mais interessante permanecer com os espaços e as tarefas que tradicionalmente eram atribuídas a elas. No entanto, até isso é fruto da dominação. Contudo, Bourdieu se empenha em demonstrar que **a virilidade e a violência**, como destinos impreteríveis para os homens, não devem ser sempre considerados privilégios. Por vezes, o peso a se pagar para tornar-se um homem “verdadeiramente homem” é bastante elevado.

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes

ao absurdo, que impõe a todo o homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade [...] A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 1998, p. 64 e 67).

Anamnese das constantes ocultas

Após haver exposto sua tese principal a respeito de como acontece o processo que resulta em relações sociais de dominação masculina, baseada, sobretudo, em sua análise etnográfica da Cabília, Bourdieu procura compreender de que maneira as características apresentadas neste esboço teórico estão presentes, ainda que em um nível profundamente inconsciente, nas sociedades ocidentais ditas “desenvolvidas”. Como principal argumento para tal, o autor menciona que ao haver qualquer tipo de identificação ou familiarização com os conceitos apresentados, ou com as categorias que compõem as estruturas de oposições binárias, percebe-se que esta cosmovisão (em princípio cabila) também deve estar arraigada em um inconsciente *social* nas sociedades ocidentais.

A despeito de todo empenho feminista e de todos os resultados dele advindos – como o maior acesso a mulheres a posições ou espaços sociais tradicionalmente masculinos – Bourdieu argumenta que há uma tendência de diferenciação entre o valor de tarefas efetuadas por homens ou mulheres, ainda que sejam as mesmas. Para ele, isto se dá porque a **masculinidade como nobreza** é uma baliza para compreender a valoração das atividades masculinas e femininas. “[...] como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas.” (BOURDIEU, 1998, p. 75).

E quanto ao processo de socialização, através do qual acontece a criação de um homem masculino e de uma mulher feminina, Bourdieu considera claramente perceptíveis mecanismos que estabeleçam funções e valores diferenciados a mulheres e homens, atingindo-os em seus corpos, conformando-lhes segundo regras tácitas daquilo que *é permitido fazer* e do que *não o é*.

[...] se apresentam como coisas a serem feitas, ou que não podem ser feitas, naturais ou impensáveis, normais ou extraordinárias, *para tal ou qual categoria*, isto é, particularmente para *um* homem ou para *uma* mulher (e de tal ou qual condição). As “expectativas coletivas”, como diria Marcel Mauss, ou as “potencialidades objetivas”, na expressão de Max Weber, que os agentes sociais descubrem a todo instante, nada têm de abstrato, nem de teórico [...] (BOURDIEU, 1998, p. 72)

Bourdieu considera que o apreço, a valoração e a visão que se tem do próprio corpo são elementos que deflagram a existência de uma diferenciação entre homem e mulher na sociedade hodierna. Para ele, o **ser feminino** é sempre **ser percebido**.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em conseqüência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser. (BOURDIEU, 1998, p. 82).

No que diz respeito à maneira de como as mulheres vêem os homens, Bourdieu elabora uma análise sobre a obra da romancista Virginia Woolf *Passeio ao Farol*. Diferente da visão que o homem projeta à mulher, a qual ela aceita e incorpora, manifestando-a na maneira de apreciar seu próprio corpo, a **visão feminina da visão masculina** se caracteriza pela lucidez. Ao analisar um casal de personagens, Bourdieu compreende que o homem é um ser socializado para aderir aos jogos que

constituem a vida social. Jogos estes que são depositários de poder simbólico e que, portanto, são indispensáveis para a vida social. Nestes jogos o homem exercita sua *libido dominandi*. Neles o homem deve confirmar toda a expectativa que se lançou sobre a criança. Por isso, ser homem – para Bourdieu – é sempre ser criança, procurando através dos jogos infantis (tais como a política, a guerra e muitas outras discussões tipicamente masculinas) tornar-se aquilo que dele se espera.

A mulher é socializada para assistir a estes jogos de fora. Ela não compartilha da gravidade que parece tão urgente nestes jogos. As mulheres são cúmplices dos homens nestes jogos (quando não são moedas de troca, como nas páginas 55 e seguintes – **a economia dos bens simbólicos**). No entanto, elas são também lúcidas e sabem que o valor da existência não está na confirmação da masculinidade vencedora dos jogos sociais. Elas compartilham da *lucidez dos dominados* que, muito embora sofram as sanções sociais destes jogos, sabem que é apenas um jogo de confirmação ou não das expectativas e dos desejos sociais impostos aos homens e que se tornam de fato desejo por poder.

Permanências e Mudanças

Neste encaminhamento final de sua obra, Bourdieu propõe-se a refletir, após haver dissertado sobre a atualidade de sua tese também na sociedade ocidental, sobre aspectos que proporcionam mudanças ou que as impedem na forma atual de organização social. Para Bourdieu, o trabalho de construção de dominação masculina é um trajeto de *eternização da História*. Para ele, os pressupostos de uma cultura androcêntrica – como já afirmara na primeira parte do texto – são eternizados pela história. Para reverter este quadro, seria necessário um **trabalho histórico de des-historicização**. Isto consistiria em não somente perceber na história que as mulheres ocuparam posições de menor valor, mas de desconstruir e desvendar os motivos pelos quais elas ocupavam este espaço e os homens mantinham o privilégio. Seria

necessário um trabalho histórico engajado, que não apenas constata, mas milita em favor da desconstrução destes pressupostos androcêntricos.

Este trabalho de reconstrução da “história das mulheres” necessitaria impreterivelmente de uma análise sobre os “agentes e instituições” responsáveis pela produção e reprodução dos pressupostos da cultura androcêntrica, estes que agem na masculinização do homem e na feminização das mulheres em todos os tempos e lugares. Seu foco de análise – embora ele não parta para o trabalho de desconstrução – são as instituições que constituem a visão de família patriarcal e paternalista, como a Igreja, a família, o Estado e a escola. Para Bourdieu, estas instituições se entrelaçam e confirmam umas às outras em seu trabalho de construção de gênero.

Ao perceber **fatores de mudanças** que aconteceram no último século, sobretudo aquelas motivadas pelo movimento feminista, Bourdieu não deixa de considerar os imensos progressos que ocorreram, sobretudo no acesso das mulheres à educação secundária e acadêmica (universitária). Ele considera essencial para que isso tenha acontecido uma mudança da constituição das famílias que, sistematicamente, adiaram o casamento e reservaram pra si menos filhos. O acesso da mulher ao trabalho em ambiente público (saindo de casa) colaborou pra isso. No entanto, a despeito de todo o progresso que houve no sentido de democratizar mais o acesso das mulheres a estes locais e a estas funções, antes estritamente masculinos, Bourdieu assinala que a diferenciação entre masculino e feminino continua acontecendo:

Enfim, as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou então aos universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo, etc.). (BOURDIEU, 1998, p. 112)

Se é possível constatar o maior acesso das mulheres a um ambiente até então restrito a homens, como pode Bourdieu afirmar que esta separação entre o masculino e feminino ainda ocorre? Isto se torna particularmente evidente pelo fato de que o acesso das mulheres ao espaço público ocorre majoritariamente nas áreas de trabalho relacionadas com o ensino, com o cuidado e com o serviço – o que evidencia a sua permanência em funções relacionadas ao trabalho doméstico, de cuidado e de educação primária (socialização). O trabalho das mulheres continua assim situado no âmbito da reprodução da ordem masculina e impregnado pelo caráter da voluntariedade, típico do papel das mulheres na visão androcêntrica (BOURDIEU, 1998, p. 112). Para ele, a mulher ainda permanece subordinada ao homem quanto às posições de autoridade e de hierarquia e ao homem ainda se reservam prioritariamente as posições que exigem conhecimento técnico e específico, enquanto às mulheres cabem os postos que carecem uma formação mais generalizada. O argumento principal (o qual vê-se no tópico **masculinidade como nobreza**, nas páginas 71 e seguintes) é de que quando as mulheres acessam profissões masculinas elas (as profissões) automaticamente se desvalorizam, sendo o inverso também verdadeiro.

Bourdieu situa a mulher, ainda hoje, como personagem importante dentro do **mercado de bens simbólicos**, sendo elas astutas nas **estratégias de reprodução** do capital simbólico e social. Ainda que de maneira diferente daquela retratada na tradição cabila, na qual as mulheres eram objetos de trocas simbólicas entre homens, para Bourdieu, na sociedade atual, as mulheres preservam, no ambiente público (sobretudo empresarial) e doméstico, a tarefa de serem responsáveis por manter a empresa, por exemplo, ou seus filhos e o próprio marido (e ela mesma, evidentemente) esteticamente apresentáveis, de maneira que demonstrem as insígnias de distinção social da família, ou do meio de trabalho, e adquiram maior projeção simbólica e social.

Apontamentos finais e críticos sobre a obra

Ao encaminhar sua reflexão para o final, Bourdieu ainda procura reafirmar a sua idéia, muito marcante em todas suas obras, e pela qual foi bastante criticado, de que **a força da estrutura** ainda opera fortemente, mesmo em uma sociedade caracterizada como “pós-moderna”, na qual o indivíduo estaria pretensamente livre dos dualismos estruturais determinantes, podendo fazer valer aquilo que Bourdieu chama de *ilusão da autonomia do indivíduo*. Para ele, pelo fato de haverem sido criadas duradouras disposições para perceber o mundo como ele se apresenta, a autonomia em relação às dualidades que diferenciam homens e mulheres é uma tentativa de achar que, pelo simples fato de *escolher* ou *desejar* ser livre delas, o ser humano moderno pode alterar uma realidade, bastante camuflada, de dominação masculina.

No entanto, como *post-scriptum*, Bourdieu procura oferecer uma saída para este determinismo, postulando a tese de que o **amor** seria capaz de sensibilizar homens e mulheres a criarem uma realidade social distante dos diversos exercícios de dominação cotidianos.

Esta opção parece ter sido uma escolha *fácil* do autor para um problema que ele mesmo criou. Ou talvez tenha sido uma resposta *fácil* àqueles que não conseguiam se convencer da sua tese de que somente um intenso trabalho de *revolução simbólica*, que incidisse sobre as instituições que produzem e reproduzem maneiras de *ser*, poderia, lentamente, reverter uma realidade social que, cada vez mais atenuada, continua sustentada por uma visão de mundo androcêntrica. Bourdieu não necessita “pedir desculpas” por criticar. Seu próprio trabalho de desconstrução crítica já parece estar prenhe de um amor por uma *futuridade* livre do domínio cultural, simbólico, social e econômico de uma elite que não se constitui por mérito nem por vontade divina, mas por *herança*. É na procura por demonstrar esta herança e tentar desconstruí-la enquanto valor aceito universalmente para atribuir destino positivo a uns e negativo a outros que reside o mérito de Bourdieu.